

Nikolai Gógol

○ CAPOTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Capote

Nikolai Gógol

Adaptação de Gian Danton

Introdução

Gógol pode não ser um escritor muito conhecido, mas sua influência nas mais diversas mídias é incontestável. Algumas de suas obras foram adaptadas para quadrinhos, cinema e outras mídias, muitas vezes sem o crédito. Quem nunca ouviu a história de um larápio que é confundido com um fiscal do governo e se aproveita de todas as regalias dos poderosos locais? Gógol não só criou histórias que seriam eternas, como também foi a pedra fundamental da literatura russa. Dostoievski dizia: “Descendemos todos de O Capote”.

Nicolai Vassilievitch Gogol nasceu em uma pequena província da Ucrânia, no ano de 1809. Até mesmo a data de seu nascimento é controversa: 19 de março no calendário russo e de 31 de março no calendário ocidental. O pai era um fazendeiro que, ao contrário de seus vizinhos, tinha rudimentos de cultura artística. Gostava de ler e usava as horas vagas para escrever peças satíricas. Gogol herdou dele o gosto pela pena. E herdou da mãe a extrema religiosidade que o levaria à morte.

Desde criança, Gogol sempre foi estranho. Na escola era chamado de “anão enigmático” porque falava pouco e tinha dificuldade para se relacionar com colegas e professores. Como o apelido sugere, também era pequeno. Outra característica que marcou os colegas foi o dom de procurar o humor em plena desgraça.

Seu grande sonho era ir para São Petesburgo. Imaginava-se com um bom emprego, instalado em um quarto com vista para o rio Nieva. Depois da morte do pai, conseguiu finalmente realizar o seu sonho, mas esse acabou parecendo mais com um pesadelo. Tudo o que conseguiu em São Petesburgo foi um emprego burocrático medíocre, um salário insignificante e um quarto a grande distância do rio Nieva. Para sobreviver, era obrigado a pedir dinheiro à mãe.

Por esses tempos, teve sua primeira decepção literária. Seu poema Hans Kuchelgarten foi tão mal recebido pela crítica que o escritor recolheu todos os exemplares e os queimou. Só voltaria a escrever mais tarde, empolgado com a efervescência literária da época. Na Rússia de então, os intelectuais se dividiam em dois grupos. Um deles defendia a aproximação com a cultura ocidental e o outro, composto pelos eslavófilos, estava preocupado com a preservação da cultura russa.

Gogol era um simpatizante do segundo grupo. No interesse de resgatar as tradições de sua terra, ele escreveu contos sobre a Ucrânia para revistas. Nessa época ele escrevia à mãe pedindo casos e histórias contadas pelos camponeses.

Seu primeiro livro de sucesso, Noites na fazenda perto de Ditanka, era uma seleção desses relatos. Um dia Gógol foi a gráfica e percebeu que os gráficos começavam a rir quando o viam. O chefe da oficina explicou-lhe que os gráficos haviam se divertido muito com os

contos enquanto compunham o livro. “Deduzi daí que era um escritor perfeitamente ao gosto da plebe”, escreveu ele.

O livro se tornou extremamente popular, até porque o humor era algo totalmente novo na literatura russa.

Foi nessa época que Gógol conheceu Punchin, o maior poeta russo do período. Punchin foi uma espécie de guru para o jovem Gógol. Este chegou a escrever que tudo que escrevia, o fazia pensando no que o mestre pensaria e duas de suas principais obras, *Almas Mortas* e *O Inspetor Geral*, surgiram a partir de idéias do poeta.

A trama da peça *O Inspetor Geral* era simples: as autoridades de uma pequena aldeia tomam conhecimento de que um inspetor do governo chegará incógnito em breve para investigar certos abusos. Por acaso, um aventureiro passa por ali e os poderosos do local, achando que ele é o inspetor, fazem de tudo para suborná-lo. Essa história já foi adaptada para a TV, para o cinema, para os quadrinhos e até na série alemã de ficção-científica *Perry Rhodan*.

A obra mais genial de Gógol, no entanto, foi escrita em 1842. Trata-se de uma novela com o singelo título de *O Capote*. Era a história de um pobre funcionário público que, a grandes custos, consegue comprar um novo capote e é roubado no mesmo dia em que o inaugura. Segue-se, então, uma via-crucis pela burocracia russa. A história é não só uma crítica à burocracia, mas um olhar atento e humano às pessoas marginalizadas pela sociedade, às quais ninguém dá atenção, mas que têm cada uma, uma história para contar.

Como se vê, suas histórias eram simples, bobas até, como contos infantis. Nada de pretensões filosóficas ou pedantismo. Nosso escritor queria apenas contar histórias de seu país natal, o jeito de ser de sua gente, e talvez nisso resida o seu maior encanto. Suas histórias misturavam humor e tragédia naquilo que os críticos chamaram de risos entre lágrimas. Personagens como o funcionário público de *O Capote* são ridicularizados, mas ao mesmo tempo, redimidos por sua humanidade.

Em 1835, Gógol publicou *Mirgorod*, uma coletânea de histórias cômicas, que ficou famosa por causa de uma novela histórica, *Taras Bulba*, sobre um dos cossacos que haviam liderado o movimento que tiraria a Rússia do jugo dos poloneses.

Outra obra importante seria *Almas Mortas*, também seria sugerida por Punchin. Nela, um espertalhão compra camponeses mortos e os revende ao Governo. Pelas páginas de *Almas Mortas* desfilavam as mais variadas figuras cômicas que povoavam a Rússia, do falastrão bêbado ao sovina que preferia viver como um mendigo a gastar um tostão que fosse. Enquanto escrevia essa obra, morreu o amigo que Punchin e Gógol ficou tão abalado que foi incapaz de continuar. Deitou-se para morrer, mas acabou sobrevivendo e terminando o romance.

Almas Mortas enfrentou problemas desde o primeiro momento. Os censores implicaram de cara com o título. Como poderia haver almas mortas, se, de acordo com o cristianismo, a alma era imortal? Não adiantou muito argumentar que as tais almas mortas eram camponeses que haviam morrido e a obra só foi liberada graças à intervenção de amigos junto ao Imperador.

Gógol se tornou imortal porque suas obras eram repletas de vida. Era a vida dos grandes heróis nacionais, como *Taras Bulba*, ou dos insignificantes funcionários públicos como *Akaki Akakievitch*.

Mas, apesar do sucesso, o escritor vivia entre anjos e demônios. Sempre ouvia mais as críticas do que os elogios. Quando a peça *O Inspetor Geral* estreou, os conservadores pediram a proibição da mesma, acusando o autor de ter caricaturado tanto o país quanto seus

dirigentes. Gogol mergulhou em profunda depressão e viajou para a Europa. Com o tempo, essas crises de depressão foram se tornando mais e mais freqüentes. No dia 11 de fevereiro de 1852, influenciado por um padre fanático, Gogol queimou todos os manuscritos da segunda parte de *Almas Mortas* e deitou para morrer. Não se alimentava, nem aceitava remédios. A 21 de fevereiro daquele ano, a Rússia perdeu um dos seus escritores mais queridos, o homem que abriu as portas para torná-la uma das capitais mundiais da literatura. “Sede almas vivas, não almas mortas!”, escreveu ele, antes de morrer.

Na sua lápide tumular foram escritas as palavras do profeta Jeremias, aquelas que melhor representam a sua obra: “Rir-me-ei de minhas palavra amargas”.

O Capote

Na repartição de... não, melhor não dizer o nome. Não existe nada mais irritante do que repartições, regimentos, chancelarias, numa palavra, qualquer espécie de serviço público. Além disso, hoje em dia um indivíduo julga insultada a sociedade como o todo quando a ele, especificamente, lhe dirigem uma ofensa. Dizem que não faz muito tempo um delegado de polícia apresentou uma queixa na qual expunha que todas as instituições e a polícia em específico estavam entrando em decadência. Como aprova, juntou ao processo um romance no qual aparecia um delegado de polícia a cada dez páginas, na maioria das vezes completamente bêbado.

Para evitar esse tipo de aborrecimento, é preferível não dizer de que repartição se tratava, tratando-a apenas como uma repartição.

Pois bem, nessa repartição trabalhava certo funcionário. Não tinha nada de particular: era de estatura reduzida, um pouco marcado pela varíola, ruivinho e meio calvo, míope, rugas de ambos os lados do rosto. Quanto ao posto (entre nós é sempre importante nomear o posto de alguém, antes mesmo de dizer-lhe o nome), era o que se costuma chamar de conselheiro particular perpétuo. Sim, esse mesmo cargo que os escritores humoristas gostam de troçar, obedecendo ao louvável e russo costume de atacar quem não pode revidar.

O sobrenome de sua família era Bachmatchkin. Logo se vê que era originário de Bachmak, sapato, o que não faz nenhum sentido, já que o pai de nosso herói, seu avô, seu bisavô e até seu cunhado sempre usaram botas, às quais mandavam colocar sola nova a cada quatro meses. Seu nome era Akaki Akakievitch. Parece um nome estranho, mas o leitor logo verá que seria impossível qualquer outro nome.

Eis como se passou.

Akaki Akakievitch nasceu, se não me falha a memória, exatamente no dia 22 ou 23 de março, ou talvez tenha sido de abril. Sua mãe, esposa de um respeitável funcionário público, era falecida. Como a mãe morrera, os compadres tomaram para si a pesada tarefa de nomear o garoto, que chorava como se já pressentisse que seria um funcionário público.

O compadre Ivan Ivanovitch Erochkin, ótima pessoa, chefe de uma seção no senado e sua esposa, apresentaram à mãe o calendário com o nome de santos.

Abriram o livro ao acaso e se deparam com três nomes: Mokia, Sossya e Khozdazat.

- Não! – disse a falecida. Que nomes mais esquisitos!

Os compadres balançaram a cabeça, meio chateados com a recusa, mas abriram o almanaque em outra página. Apareceram três nomes: Triphily, Dula e Varakhasy.

- Ai, que castigo!- gritou a mulher. Que nomes! Nunca ouvi nomes tão esquisitos. Nem parece nome de gente. Ainda se fossem Varadat ou Varukh, mas Triphily, Dula e Varakhasy!

Os compadres, impacientes com a falecida, abriram mais uma vez o livro e encontraram Paviskakhiy e Vakhitsiy.

- Bem vejo que isso não tem saída! Cada nome é pior que outro. Já que é assim, melhor dar ao

menino o nome do pai, Akaki Akakievitch.

Assim originou-se o nome Akaki Akakievitch e foi com esse nome que o garoto foi batizado. Relatamos todos esses pormenores para que o leitor perceba como se passaram as coisas e que era impossível dar ao recém-nascido outro nome que não fosse Akaki Akakievitch.

Quando ele entrou na repartição e quem o indicou é assunto misterioso. Todavia, apesar das mudanças de chefes e quaisquer outros funcionários, Akaki Akakievitch era sempre visto no mesmo lugar, na mesma insignificante função de copista, de modo que todos se convenceram que ele tinha vindo ao mundo assim, prontinho, de uniforme de funcionário e com a cabeça pelada.

Ninguém lhe prestava atenção. Os chefes o tratavam com frieza despótica. Os ajudantes metiam-lhe os papéis debaixo do nariz sem mesmo dizer “Copie!” ou “Aí está um trabalho interessante que irá diverti-lo por algumas horas”, como é costume entre funcionários bem educados.

Os novatos riam e troçavam dele, dentro do limite que lhes permitia sua mentalidade de funcionários. Contavam, em sua presença, histórias picantes sobre ele e sua governanta, uma senhora de 70 anos. Diziam que ele apanhava dela e perguntavam quando seria o casamento. Mas Akaki Akakievitch não se defendia ou dizia uma única palavra. Apenas continuava fazendo seu trabalho. Só quando a brincadeira passava dos limites, quando empurravam seu braço e o impediam de trabalhar, ele exclamava:

- Deixem-me em paz! Por que me magoam?

Havia algo estranho na voz e na maneira como ele falava isso. Tanto que um jovem funcionário, ao ouvir isso, sentiu piedade e afastou-se dos companheiros, que antes lhe pareciam pessoas honradas. Nos momentos de maior alegria, vinha-lhe à memória as palavras constrangedoras:

- Deixem-me em paz! Por que me magoam?

Era como se houvesse, contidas nessas palavras, outras:

- Sou teu irmão!

Muitas vezes, no corredor da vida, o jovem estremecia ao pensar em quanta desumanidade há no homem, mesmo naquelas pessoas que a sociedade considera honradas e nobres.

Seria difícil encontrar outra pessoa que vivesse para seu serviço como Akaki Akakievitch. Ele não trabalhava só com zelo, mas com amor. Ao copiar, abria-se a ele um mundo variado e agradável, muito diferente do mundo lá fora. O prazer estampava-se em seu rosto. Algumas letras eram suas prediletas. Quando as encontrava, ele sorria, piscava e ajudava-se a traçá-las com movimentos da boca. Se o recompensasse pelo seu zelo, é possível que, para surpresa dele, ele viesse a ser Conselheiro de Estado. Isso claro, não acontecia porque, segundo seus companheiros, ele usava seus miolos como uma toupeira.

Não se podia dizer que não lhe dessem uma chance. Certo chefe, reparando nele, desejou premiá-lo por seu longo e atento serviço e mandou-o refazer um relatório de um caso já concluído e que deveria ser remetido a outro departamento. Era coisa simples: mudar alguns verbos da primeira para a terceira pessoa e fazer um cabeçalho, mas isso lhe causou tanta preocupação que ele começou a suar e finalmente disse:

- Não, prefiro que me dêem algo para copiar.

E desde então o deixaram copiando eternamente.

Afora as cópias, não pensava em mais nada. Nem em mulheres, nem em roupas. Seu uniforme

surrado já não era mais verde, de tão velho. O colarinho era baixo, deixando seu pescoço exposto ao frio de São Petesburgo e sempre havia algo grudado em seu uniforme, fosse uma palha ou um fiapo, às vezes até um farelo de pão. Não bastasse isso, tinha a habilidade natural de passar debaixo das janelas no exato momento em que se jogava o lixo para fora.

Nem uma única vez dera atenção ao que ocorria na via pública e só quando um cavalo passava por cima dele e lhe soprava vigorosamente nos ombros é que ele percebia que estava não no meio de uma frase, mas no meio da rua.

Chegando em casa, sentava-se à mesa e comia a sopa de repolho e beterraba e mais as moscas ou que quer que o Senhor houvesse por bem mandar. Quando havia, comia um pedaço de carne ou pão e, sentindo o estomago cheio, levantava-se da mesa e ia copiar documentos que trouxera para casa.

Copiava não por dever, mas por diversão, especialmente se o documento era valioso, não tanto por seu conteúdo, mas por ser destinado a uma pessoa importante. Na hora em que os funcionários já tinham jantado e ocupavam-se de suas atividades prazerosas, quando alguns iam ao teatro, outros para a rua observar as moças vestidas com a última moda, quando outros se reuniam nas casas dos amigos para jogar cartas, enfim, quando todos estavam envolvidos em seu lazer, Akaki Akakievitch simplesmente copiava.

Tendo escrito até se fartar, ele deitava-se, sorrindo ao pensar no dia seguinte – no que Deus lhe mandaria para copiar.

Assim corria a vida pacata do homem de ordenado de 400 rublos. Deve-se dizer que seria feliz, não fossem as desgraças distribuídas na vida não só dos conselheiros titulares, mas também dos conselheiros de Estado e até daqueles que não dão conselhos, nem os aceitam. Existe em São Petesburgo um inimigo terrível de todos aqueles que recebem salário de apenas 400 rublos anuais. É o frio setentrional, embora digam ser ele muito sadio. Às nove da manhã, na hora exata em que todos os conselheiros perpétuos saem para suas repartições, ele belisca todos os narizes. Na hora em que até a testa daqueles que ocupam altos cargos doem de frio e eles derramam lágrimas, os conselheiros titulares estão, por vezes, totalmente desprotegidos. A única saída é atravessar cinco ou seis ruas o mais rápido possível, resguardados por seus capotes. Depois é bater os pés até chegar à portaria, esquentando assim os neurônios congelados e preparando-os para suas funções burocráticas.

Akaki Akakievitch sentia, há algum tempo, uma forte dor nas costas e no ombro, embora tentasse percorrer com a maior velocidade possível a distância entre sua casa e a repartição. Enfim desconfiou que a culpa talvez fosse do capote.

Examinou-o atentamente e descobriu que em dois pontos, a saber nas costas e nos ombros, ele estava tão gasto que se podia enxergar através do pano.

É necessário que o leitor saiba que o capote de Akaki Akakievitch era vítima de toda sorte de brincadeiras e zombarias por parte dos colegas, a ponto de que eles já o chamavam de bata, um nome muito menos nobre.

Na verdade, esse capote era absolutamente singular. Sua gola diminuía ano a ano, usada para remendar outras partes. Os remendos mostravam que o alfaiate não era muito artístico, pois eram toscos e feios.

Vendo esse estado das coisas, Akaki Akakievitch resolveu levar o capote até o alfaiate Petrovitch, que vivia no quarto andar, acessível por uma escura escada. Esse apesar de ser vesgo e míope, tinha vasta freguesia entre os funcionários públicos que ganhavam 400 rublos

por ano.

Sobre esse alfaiate não valeria a pena gastar uma única palavra, mas já que começamos, e para que nessa narrativa cada personagem seja devidamente traçado, não há outro remédio senão falar um pouco dele.

No começo, ele se chamava Grigory e era servo de um senhor qualquer. Passou a se chamar Petrovitch quando se tornou livre e passou também a beber muito, de preferência nos feriados religiosos, preservando uma tradição de seus ancestrais. Quando bebia, xingava a esposa de alemã e mulher à toa. Já que mencionamos a esposa o leitor deve estar curioso para saber um pouco mais sobre ela. Infelizmente, pouco se sabia sobre ela, a não ser que era mulher de Petrovitch e que era muito feia.

Subindo a escada que conduzia ao quarto de Petrovitch, escada toda encharcada de água de lavar pratos, Akaki ponderava mentalmente quanto o alfaiate iria cobrar e preparou-se para pagar não mais que dois rublos. A porta estava aberta, pois a esposa estava fritando peixe e se levantava tamanha fumaceira na cozinha que era impossível ver até mesmo as baratas.

Akaki Akakievitch atravessou a cozinha e entrou no quarto, onde encontrou o costureiro sentado sobre uma mesa com as pernas cruzadas. Tinha os pés nus, como é costume nessa profissão. Em torno do pescoço, havia uma longa meada de fios de seda e algodão e sobre os joelhos uma peça de roupa velha. Petrovitch tentava enfiar a linha na agulha, mas não conseguia, e por isso resmungava contra o frio e a escuridão:

- O danado não quer passar! Seu malandro, está abusando de mim!

Akaki Akakievitch ficou sem jeito. Chegara num momento em que o alfaiate estava zangado e isso certamente iria influenciar no preço. Gostava de fazer encomendas quando o alfaiate já estava bêbado e se tornava benevolente. Claro que depois aparecia a mulher dizendo que o marido, quando fizera o negócio, estava bêbado como um gambá, mas bastava acrescentar uma moeda e o caso se resolvia da melhor maneira.

Desta vez, no entanto, o caso se complicava, pois Pietrovitch estava sóbrio e provavelmente iria cobrar os olhos da cara. Akaki Akakievitch já ia saindo de fininho quando o alfaiate cravou nele o seu único olho.

- Bom dia, Akaki.

- Bom dia. – respondeu Akaki Akakievitch, meio que por descuido.

O costureiro olhou de soslaio para as mão do coitado, visualizando qual era o troféu que ele lhe havia trazido.

- E então, o que me traz?

- Eu vim vê-lo por que... assim... assim.

Parece ser o momento de esclarecer que Akaki Akakievitch tinha um jeito estranho de falar, composto quase que exclusivamente de preposições, conjunções, advérbios e mesmo por partículas gramaticais sem qualquer sentido. Ocorre que quando estava nervoso, tornava-se ainda mais incompreensível e era comum iniciar uma frase e esquecer-se de completar o raciocínio.

- O que que há? – perguntou Pietrovitch, examinando o cliente da calça ao colarinho, como costumem fazer os costureiros.

- É que eu... assim... assim... o pano.. entende? Sim, dessa maneira... o capote... muito bom... assim... assim... talvez um pequeno remendo... nas costas, assim... assim...

- Dê aqui. – disse o alfaiate e pegou o capote. Colocou-o sobre a mesa e examinou-o

atentamente enquanto cheirava rapé de uma latinha.

- Não tem conserto. – disse por fim. O plano está completamente roto. Se eu costurar, ele rasga.

Akaki Akakievitch choramingou e estremeceu. O coração apertava-lhe.

- Assim... assim... não tem conserto? Você assim... assim... tem aí... pedacinhos de retalho...

- Retalho não é problema. O caso é o capote, que está se desmanchando. Se eu meter agulha, ele se abre todo...

- É só consertar... eu pago!

- Não, não há nada a fazer. O máximo que dá para fazer desse capote são umas polainas, pois as meias não esquentam nada. Isso de meias são invenções dos alemães. Você vai ter que fazer um capote novo.

Logo se via que Pietrovitch não gostava de meias nem de alemães, mas Akaki Akakievitch pouco se importava. Estava aflito com a possibilidade de ter de mandar fazer um capote novo. Onde arranjaría dinheiro?

- Mas como... se não tenho dinheiro?

O alfaiate sorriu satisfeito com sua própria resolução.

- Já lhe disse: a única solução é um capote novo!

- E como... assim... assim... como seria?

- Quer saber quanto custaria?

- Sim.

- Chutando por baixo, uns cento e cinquenta rublos.

Akaki Akakievitch quase caiu por terra. O alfaiate olhou-o deliciado. Gostava de causar impressão e depois olhar a cara do surpreendido.

- Cento e cinquenta rublos por um capote? – disse Akaki, gritando pela primeira vez desde que nascera, pois sempre se distinguira pela voz fina e subserviente.

- Isso depende da qualidade. Se mandar colocar uma gola forrada com pele de marta e forrar com seda, pode chegar a duzentos...

Akaki Akakievitch sentiu vontade de ajoelhar-se e implorar como uma criança.

- Por favor, Petrovitch! Assim... assim... Dê um jeito qualquer no casaco e eu o uso por algum tempo mais.

- Nada feito. Isso seria um desperdício de tempo e dinheiro.

Akaki Akakievitch saiu de ombros caídos, aniquilado. Petrovitch permaneceu na mesma posição, felicitando-se a si mesmo por não ter cedido e rebaixado sua profissão.

Ao sair na rua, Akaki Akakievitch sentia-se como num sonho.

“Ora, como vão as coisas”, pensou. “Nunca pensei que isso... veja no que finalmente deu tudo... assim... assim... quem poderia imaginar?”

Em vez de ir para casa, ele caminhou em sentido completamente oposto, sem nem mesmo suspeitar. Esbarrou num limpador de chaminé, que deixou seu ombro completamente negro, passou por baixo de uma construção, onde lhe derramaram cal sobre o chapéu e só despertou porque um policial chamou-o:

- Ei, você! Por que não olha por onde anda? Já não basta a calçada? Ainda tem que vir na minha direção?

Isso o obrigou a voltar a si e perceber que estava indo no caminho errado.

Chegando em casa ele passou a monologar consigo mesmo, agora com mais nitidez, como se

fizesse um esforço sobre-humano para resolver a situação:

- Não, agora não é um bom momento para discutir com Petrovitch. A mulher deve ter lhe dado uma surra e ele ainda está sóbrio. Melhor ir vê-lo no domingo de manhã. Ele vai acordar de ressaca e a mulher não terá lhe dado dinheiro. Então eu lhe passo uma moeda e tudo se resolve.

Assim, Akaki Akakievitch esperou o próximo domingo e foi visitar o alfaiate, não sem antes se certificar de que a mulher já havia saído de casa.

De fato, Petrovitch estava de ressaca, os olhos fundos, o único olho ainda mais estrábico e a cabeça pendendo de sono, mas mal soube do que se tratava, o diabo o deve ter cutucado, pois ele bradou decidido:

- Não pode ser. Encomende um novo capote!

Akaki já conhecia a manha do alfaiate e passou-lhe uma moeda.

- Muito agradecido, meu senhor. Vou tomar uma à sua saúde. Quanto ao capote, não se preocupe. Vou me esforçar para fazer o melhor capote que um conselheiro titular pode ter...

- Mas o conserto...

- Esqueça o conserto. Você vai ter um capote novo, isso eu lhe garanto. Pode contar comigo.

Akaki Akakievitch saiu de lá arrasado. Não havia jeito de escapar. Mas como fazer o capote? Onde arranjar dinheiro? Havia, claro, as gratificações das festas. Mas esse dinheiro já estava todo distribuído e contado. Mesmo que o Diretor resolvesse lhe dar quarenta e cinco ou mesmo cinquenta rublos, ainda assim sobraria só uma insignificância. Akaki sabia, é verdade, que Petrovitch tinha a mania de pedir sabe Deus que preço absurdo a ponto da mulher lhe bater dizendo: “Seu idiota! Às vezes pega trabalhos de graças e outras vezes pede um preço que assusta os fregueses...!”

Embora soubesse que Petrovitch certamente deixaria o serviço por 80 rublos, onde arranjaría esse dinheiro?

Ele poderia conseguir pelo menos metade disso e aqui é justo contar ao leitor a origem dessa metade. É que Akaki, a cada rublo que gastava, guardava uma moeda em um cofre de madeira. Ao final de alguns anos juntara dessa maneira mais de quarenta rublos.

Então metade já estava arranjada, mas e os outros quarenta rublos?

Akaki Akakievitch matutou e concluiu que a única maneira era economizar. Deixaria de tomar o chá à noite e não acenderia a vela. Se tivesse algum trabalho para realizar, desceria ao quarto da senhoria e o fazia sob a luz da vela dessa senhora. Ao andar, pisaria o mais leve possível sobre as pedras e lajes, como forma de não gastar a sola. Também mandaria a roupa o mínimo possível para a lavadeira. Tiraria a roupa logo que chegasse em casa, vestindo logo uma velha bata de algodão ainda em bom estado.

É necessário dizer, a bem da verdade, que foi custoso acostumar-se a essas restrições, mas no final tudo se ajeitou. Até à fome acostumou-se, mas em compensação alimentava-se com a visão do futuro capote. Havia de ser lindo. Era como se ele tivesse se casado e outra pessoa vivesse sempre ao lado dele. Essa amiga não era outra senão o sonhado capote, novinho em folha e devidamente forrado de algodão.

Akaki Akakievitch mudou completamente. Tornou-se mais vivo, mas feliz, como uma pessoa que já tivesse fixado um objetivo na vida. Dava gosto de se ver. De seu rosto desapareceram a incerteza, a dúvida e qualquer traço de indeterminação. Ele até mesmo começara a falar com substantivos e verbos, de forma articulada. De vez em quando até se pegava sonhando em

colocar uma pele de marta no colarinho.

Pela primeira vez na vida, Akaki distraiu-se num trabalho de cópia e quase errou uma letra. Chegou a dizer um “Ai, que distraído!” e persignou-se.

Todos os meses procurava Petrovitch para conversar e traçar planos a respeito do capote. Onde seria melhor comprar o tecido? A que preço? De que cor? Embora um pouco preocupado, Akaki Akakievitch voltava feliz para casa, pensando no dia em que tudo isso seria comprado e o alfaiate poderia finalmente começar o serviço.

Indo além das previsões mais otimistas, o Diretor deu um bônus de natal não de quarenta, nem mesmo de quarenta e cinco rublos, mas de sessenta rublos. Assim, Akaki se viu com vinte rublos a mais do que esperava. Bastaram mais dois meses de fome e ele já havia economizado os oitenta rublos.

Foi uma felicidade. O coração de Akaki, normalmente tão calmo, martelou de ansiedade. Foram ele e o alfaiate nas lojas. Compraram um pano muito bom, pois já fazia meses que percorriam juntos as lojas, pesquisando de tipos de tecidos e preços, de modo que Petrovitch exclamou:

- Posso dizer sem errar que este é o melhor tecido que poderíamos arranjar!

Para o forro, escolheram uma peça de algodão, mas tão macia que Petrovitch arriscou:

- Este algodão é tão bom quanto a seda e mais macio e brilhante que esta.

Chegaram até a apressar a pele de marta para a gola, mas desistiram e levaram mesmo uma pele de gato, que era tão boa quanto aquela.

Surpreendentemente, apesar do olho vesgo, Petrovitch trabalhou rápido em duas semanas o serviço estava pronto. E na verdade ele só demorou tanto porque botava todo zelo no trabalho, fazendo ponto duplo e uma costura bem miúda e delicada.

Foi no dia... minha memória me escapa. Aliás, isso não importa, porque aquele foi o dia mais feliz da vida de Akaki. Petrovitch terminou-o e levou cedinho, antes de Akaki ir para a repartição. Era a melhor época, pois já estava começando o famoso frio de São Petesburgo. Petrovitch vinha com uma dignidade que o conselheiro titular jamais vira. Parecia que estava completamente realizado por sua obra-prima e que um fosso o separava dos reles alfaiates que colocavam remendos e eram incapazes de realizar um tão distinto capote.

Ele retirou o grande lenço, que tinha acabado de chegar da lavanderia, e descobriu o capote. Então jogou-o sobre os ombros de Akaki Akakievitch. Este queria verificar a manga.

Petrovitch ajudou a vestir e diagnosticaram que também a manga estava ótima. Aliás, todo o conjunto estava tão perfeito que o capote parecia ter nascido com Akaki.

- Quero esclarecer que só cobrei tão pouco porque estou situado numa rua pequena, sem anúncio e porque você é meu cliente há muitos anos. Qualquer outro alfaiate teria lhe cobrado o dobro só pelo feito. – disse o costureiro.

Akaki Akakievitch achou que o melhor não estender a conversa e pagar logo, antes que a vontade de ganhar mais assomasse na cabeça de Petrovitch. Assim, pagou, agradeceu e saiu para o trabalho. Petrovitch ia atrás dele, seguindo-o e admirando o capote.

Enquanto isso, Akaki caminhava com a melhor das disposições. Sentia a cada segundo que estava vestindo um capote novo e até mesmo sorriu com essa constatação. Havia, aliás, duas vantagens: o capote era quente e não era feio.

Na portaria, tirou o capote, examinou-o, deliciado e entregou-o ao porteiro, recomendando mil cuidados.

Não se sabe como, mas logo todos na repartição estavam sabendo que Akaki Akakievitch havia conseguido um capote novo e que a velha bata fora aposentada. Muitos vieram cumprimentá-lo e a dar-lhe parabéns. Akaki no início sorria, mas depois tornou-se encabulado. Quando, finalmente, todos aproximaram-se dele e disseram que era necessário batizar o capote e que o correto seria ele oferecer-lhes uma festa, o pobre conselheiro titular já não sabia o que fazer ou como safar-se da situação.

Completamente sem jeito, ele começou a dizer que o capote não era absolutamente novo, mas o velho, devidamente reformado.

O assistente do chefe salvou-o:

- Bem se vê que nosso amigo Akaki Akakievitch é modesto. Mas que seja! Eu dou a festa. Convido todos a tomar chá em minha casa. Ocorre, coincidentemente, que hoje faço anos e comemora-se duas coisas ao mesmo tempo.

Como era natural, os funcionários todos cumprimentaram o assistente do chefe e se comprometeram a ir ao chá. Akaki quis recusar, mas foi convencido de que isso seria uma descortesia e, mais, uma ofensa.

Akaki acabou se convencido de que era uma boa oportunidade de sair à noite com seu capote novo.

O dia todo correu na maior felicidade. Akaki Akakievitch mal viu o tempo passar e logo estava de volta em casa. Quando chegou, tirou o capote e colocou-o sobre o cabide e ficou admirando o forro, a gola. Para maior contraste, trouxe o capote velho e colocou um ao lado do outro. Que grande diferença! O velho já se desmanchava todo e parecia mais um pano de chão.

Durante a refeição, Akaki pegou-se rindo ao lembrar do capote velho. Então deitou um pouco e espreguiçou-se até que chegasse a noite e saiu para a casa do assistente do chefe. Eu deveria dizer onde morava esse alto funcionário, mas isso é impossível no momento, de que modo que basta dizer que ele residia num bairro de alta classe, o que quer dizer: muito longe de Akaki Akakievitch. Este teve que percorrer primeiro algumas ruas desertas e mal iluminadas, mas depois as ruas iam se tornando mais vivas, iluminadas e freqüentadas. Surgiram senhoras bem-vestidas e cavaleiros com golas de pelo de castor. Os cocheiros rústicos iam desaparecendo, dando lugar ao cocheiros em trenós laqueados cobertos com pele de urso. Akaki Akakievitch olhava tudo como novidade. Na verdade, era a primeira vez que vinha a essa parte da cidade e já se sentia importante. Parou na frente de uma loja e vislumbrou um quadro no qual uma senhora retirava o sapato e desnudava completamente um pé nada feio. Atrás dela, pelo vão da porta, um cavaleiro de costeletas observava-a encantado. O conselheiro titular riu. Por que teria rido? Será porque passara por sua cabeça algo completamente desconhecido e que, apesar de tudo, todos possuem um significado? Ou será porque pensara, como geralmente fazem os conselheiros titulares e mesmo os conselheiros perpétuos: “Ora, esses franceses... não é possível que assim assim..”.

Na verdade, não deve ter pensado em nada disso. É impossível entrar na alma de um homem e descobrir o que ele pensa.

Finalmente chegou à casa do assistente do chefe. Este vivia bem. A escada estava iluminada por uma lanterna. Entrando no vestíbulo, Akaki viu uma grande quantidade de galochas. Na parede, via-se dependurados vários capotes, algumas até com golas de marta ou com lapelas de veludo. Vindo do outro lado da parede, grande falatório. Um criado saiu carregando uma

bandeja com copos vazios, uma tigela de nata e um pote de biscoitos. Evidentemente ele chegara tarde e os outros funcionários já tinham tomado a primeira rodada de chá.

Akaki Akakievitch pendurou o capote na parede e entrou. Logo deram por ele e o receberam com grande festa, deixando-o ainda mais encabulado. Foram então à entrada, admirar o capote novo. Mas isso logo perdeu a graça e a voltaram para as mesas de jogos.

Akaki sentia-se como um peixe fora d'água e não sabia como agir. Por fim, sentou-se ao lado de uma das mesas e ficou observando, ora as cartas, ora o rosto dos jogadores. Então começou a bocejar, até porque já passara a hora em que ele costumava recolher-se. Quis ir embora, mas não deixaram, dizendo que era necessário brindar o capote novo com champanhe. Em uma hora serviram o jantar, composto de salada, carne de vitela, pastéis, empadas e champanhe.

Obrigaram Akaki Akakievitch a beber duas taças, depois das quais ele se sentiu mais alegre, sem, no entanto, esquecer, que já passava da meia-noite e era hora de voltar para casa.

Para que o anfitrião não arranjasse um pretexto para segurá-lo ali, ele saiu de fininho. Para seu desgosto, encontrou o capote caído no chão. Sacudiu-o, tirou os fiapos e vestiu-o, descendo as escadas.

Algumas lojas ainda estavam abertas, mas mesmo as fechadas ainda lançavam um resto de luz sobre a rua. Os criados ainda conversavam aqui e ali.

Alegre com o champanhe, Akaki viu-se seguindo uma dama que passara por ali, requebrando-se toda. Ao perceber o que estava fazendo, voltou ao caminho para casa.

À medida em que caminhava, iam ficando para trás as ruas iluminadas e aparecendo aquelas ruas sombrias. As lanternas rareavam, sinal de que se economizava o óleo. Sugiram casa de madeira e cercas. Não viu uma única pessoa, apenas a neve cobrindo tudo.

Akaki Akakievitch aproximou-se do fim de uma rua, que desembocava em uma praça deserta e mal iluminada. Muito longe brilhava uma luzinha numa choupana que parecia se situar no fim do mundo.

O conselheiro titular já não se sentia tão alegre. Ao contrário, o coração parecia apertado, como se pressentisse desgraça. Olhou para um lado, depois para o outro. Não via casas, só neve. Fechou os olhos para não olhar e quando os abriu, deparou-se com dois brutamontes. Tentou distinguir que tipo de gente era, mas não conseguia. A vista abandonara-o e o coração palpitava.

- Este capote é meu! – disse um dos homens, pegando o capote de Akaki Akakievitch pela gola.

O pobre Akaki tentou reagir, mas o outro encostou-lhe no rosto um punho tão grande quanto sua cabeça.

- Nem pense em gritar. – trovejou o homem.

Akaki Akakievitch sentiu tirarem o capote e em seguida levou uma joelhada, indo estatelar-se contra a neve.

Acordou pouco depois, morrendo de frio. Começou a gritar, mas sua voz não parecia chegar nem mesmo ao fim da praça. Vendo uma guarita, começou a correr naquela direção, para curiosidade do guarda, que se perguntava que estranha figura era aquela. Akaki aproximou-se gritando que o guarda estava dormindo e que não prestava atenção enquanto uma pessoa estava sendo roubada.

- Tudo vi foi você e dois amigos. Se quer mesmo recuperar o capote, vá amanhã procurar o inspetor de polícia.

Akaki Akakievitch voltou para casa em estado lamentável. Estava todo sujo de neve e os cabelos em desalinho.

A senhoria, quando ouviu batidas fortes na porta, pulou da cama com um só pé calçado e a camisola fechada no peito, por pudor.

Mal abriu a porta, recuou assustada.

- O que aconteceu? – indagou ela.

E Akaki contou toda a sua desgraça e o conselho do guarda.

- Não vá procurar o inspetor de polícia! – aconselhou a boa senhora. Ele só vai embromá-lo, sem nada fazer. O melhor é ir ver o próprio comissário, que por sorte é meu conhecido. A Ana que já trabalhou aqui como cozinheira agora é ama-seca numa casa vizinha do Comissário. É um bom homem, que vai na Igreja todo domingo e olha todos com benevolência.

Após ouvir tudo isso, o pobre Akaki foi para seu quarto e só quem é capaz de colocar-se no lugar de outro poderia o que ele sentiu naquela noite.

Na manhã seguinte foi à procura do Comissário. Chegou logo cedo na casa do comissário e lhe disseram que ele dormia. Voltou à dez e disseram que ainda dormia. Voltou às 11 e disseram que já tinha saído. Voltou na hora do almoço, mas os empregados não queriam deixá-lo entrar.

Então, pela primeira vez na sua vida, Akaki Akakievitch tomou uma atitude. Disse que estava a serviço da repartição, que o assunto era urgente e que quem ousasse colocar-se em seu caminho ia sofrer as conseqüências.

Na Rússia esse é o tipo de argumento que funciona, de modo que foram chamar o Comissário. Aconteceu que essa figura entendeu de forma completamente estranha o episódio e começou a fazer perguntas que pareciam totalmente sem propósito como porque ele voltara para casa àquela hora e se estivera em uma casa suspeita.

Akaki Akakievitch saiu de lá arrasado. Naquele dia, pela primeira vez em sua vida, não compareceu à repartição. No dia seguinte voltou com seu velho capote. Muitos ficaram comovidos com sua situação (embora não faltasse quem usasse o episódio como motivo de piadas) e fizeram até uma coleta, mas o resultado foi pífio, pois já tinham gastado todas as economias com um presente de natal para o chefe.

Um dos funcionários, não tendo outra maneira de ajudar, aconselhou-o a procurar um certo figurão e não mais o Comissário, pois, mesmo que a polícia achasse o capote, ele ficaria sob custódia da polícia até que Akaki Akakievitch provasse sua posse.

Akaki Akakievitch, como não tinha outra possibilidade, resolveu procurar o tal personagem. Quem era e que cargo ocupava e coisa que não posso responder. Tudo que podemos esclarecer é que esse personagem só há pouco tempo se tornara importante e que vivia antes totalmente apagado. Aliás, nem era tão grande sua importância, mas sempre se encontra pessoas aos olhos das quais qualquer um com um cargo ocupa importância. Aliás, esse próprio personagem fazia de tudo para aumentar sua relevância. Ordenara que todos os funcionários o esperassem na escada quando ele chegasse. Ninguém podia ousar dirigir-se diretamente a ele e tantas outras invenções que tinham por único objetivo engrandecê-lo aos olhos dos subordinados.

Esse é um costume comum em toda a Rússia. Conta-se que certo conselheiro titular, promovido a chefe, fez colocar na porta de uma sala a placa sala de reuniões e colocou ali um funcionário para guardar tal sala, muito embora em tal sala de reuniões não coubesse mais que

uma escrivaninha.

O nosso personagem importante tinha como lema de vida a severidade. “Severidade! Severidade! Severidade!”, gritava ele, olhando no rosto dos subalternos para apreciar o efeito conseguido.

Aliás, nem havia razão para isso, pois todos os poucos funcionários daquela repartição viviam aterrorizados. Quando viam o chefe, paravam o que estavam fazendo e ficavam em posição de sentido.

O tal personagem era uma boa pessoa, de boa índole, mas mudara completamente quando se viu alçado à posição de chefe.

Esse era o tal personagem importante que Akaki procurou, talvez no momento mais inoportuno.

Acontece que este estava recebendo um amigo de infância e travava alegre palestra com ele. Nisso anunciaram a chegada do pobre conselheiro titular.

- É um funcionário público, senhor. – disse o assistente.

- Pois que espere. No momento estou muito ocupado.

Não era verdade. A conversa com o amigo chegara àquele estágio em que surgem grandes silêncios constrangedores em que batem um na perna do outro e dizem:

- Pois é isso mesmo, Ivan Abramovitch...

- Sim, isso mesmo, Stepan Warlamovitch...

Na verdade, ele só pediu que Akaki esperasse para mostrar ao seu amigo de infância o quanto ele era importante.

Finalmente, quando já tinham conversado bastante, quando já não sobravam nem mesmo os tapinhas na perna e os dois já estavam sentados nas confortáveis poltronas reclináveis, apreciando seus cigarros, o personagem importante se lembrou de Akaki:

- Parece que há alguém esperando por mim lá fora. – disse ele para o secretário. Mande que entre.

Vendo a postura humilde e o uniforme surrado de Akaki Akakievitch, virou-se para ele e gritou com o tom de voz que havia ensaiado diversas vezes diante do espelho antes de se tornar chefe:

- O que quer?

Akaki Akakievitch pareceu desabar, mas juntando suas últimas forças, relatou tudo que lhe acontecera, intercalando ainda mais partículas de valor gramatical nulo do que costume.

O general, por alguma razão, achou que estava sendo tratado com muita familiaridade e explodiu:

- Sabe com que está falando? Conhece o procedimento nesses casos? Antes de tudo, o senhor deveria apresentar um requerimento na sua repartição. Esse requerimento deveria ir parar nas mãos do chefe de repartição, que o enviaria ao secretário...

- Mas, excelência, os secretários... não se pode confiar...

O personagem explodiu:

- O que disse? Que espírito de revolta e sedição se espalhou entre os jovens deste país!

Claro que o personagem não percebeu que Akaki Akakievitch não era nenhum jovem. Aliás, devia ter quase o dobro da idade dele e só poderia ser considerado jovem em relação a alguém muito velho. Mas isso pouco importava para o personagem, que pretendia mostrar todo o seu poder:

- O senhor sabe a quem está dizendo tais coisas? Sabe com quem está falando? O senhor sabe? Vamos, responda! Eu lhe fiz uma pergunta!

Akaki Akakievitch sentiu-se desfalecer e caiu ao chão, tendo de ser amparado pelo secretário. O personagem importante ficou muito satisfeito com sua atuação e com o fato de que sua voz era capaz de fazer desmaiar um homem. Olhando para o amigo de infância, ficou muito feliz ao perceber que até ele estava aterrorizado.

Akaki Akakievitch, ao chegar à rua, não sabia como tinha descido as escadas. Não sentia mais os pés ou as mãos. Nunca fora em sua vida tão humilhado, tão pisado. Nessa época o vento já soprava forte e frio por todos os cantos. Ao chegar em casa, não conseguia proferir uma única palavra. Ficou todo inchado e recolheu-se ao leito.

No dia seguinte teve febre. Quando o médico veio e o examinou, receitou apenas uma compressa de água quente, apenas para não dizer que não fazia nada por ele. Chamou a senhoria de lado e disse-lhe:

- Minha senhora, não perca seu tempo. Encomende logo um caixão de pinho, pois um de carvalho seria muito caro para ele.

Não se sabe se ele ouviu essas palavras ou se lamentou o fim de sua miserável vida. Estava envolto em febre e tinha visões estranhas. Ora via o alfaiate e encomendava-lhe um capote com armadilha para ladrões. Ora chamava a senhoria para que tirasse o ladrão que se escondera debaixo a cama. Ora parecia estar recebendo uma reprimenda, pois dizia humilde: “Sim, excelência”.

Por fim soltou o último suspiro e morreu.

Deixou quase nada de herança: dois ou três botões, algumas penas de ganso, um caderno e o capote já velho conhecido do leitor.

Finalmente o levaram e enterraram. E São Petesburgo ficou sem Akaki Akakievitch, um ser tão humilde que não interessava nem ao naturalista que não deixa escapar nem mesmo uma mosca sem espetá-la com um alfinete. Baixou ao túmulo alguém que não realizara nada de especial durante a vida, mas que, no entanto, vira uma luz acender-se para ele na forma de um capote novo.

Na repartição deram pela falta dele só muito tempo depois e mandaram um funcionário verificar porque faltava tanto. O tal funcionário voltou dizendo que ele não voltaria mais porque estava morto.

Assim, no dia seguinte estava sentado em seu lugar um homem muito mais alto e jovem, mas que traçava as letras de forma totalmente irregular.

Mas o leitor irá se surpreender ao descobrir que nossa história não termina aqui.

Na cidade surgiu o boato de que um fantasma andava pelas ruas procurando por um certo capote e arrancava dos ombros de todas as pessoas, sem distinguir posto ou posição social, todo tipo de capote, dos mais forrados de algodão aos luxuosos com gola de marta.

De toda a parte vinha a notícia de que não só os conselheiros titulares, mas também os conselheiros da corte estavam ficando sem seus capotes.

Um dos funcionários da repartição chegou a ver o fantasma e reconhecer Akaki Akakievitch, mas seu relato é pouco confiável, pois ele fugiu apavorado.

A polícia deu ordem de capturar o defunto, estivesse ele vivo ou morto, e quase conseguiu.

Certo guarda, agarrou o defunto justamente no momento em que ele tentava tirar o capote de um músico aposentado. Ele estava bem seguro pela gola, mas o policial se abaixou para pegar

na bota o potinho de rapé para colocar no nariz já congelado pelo frio e o defunto aproveitou para escafeder-se.

A partir desse dia, os guardas ficaram com tanto pavor do morto que já não prendiam nem mesmo os vivos, limitando-se apenas a gritar:

- Ei, você, o que faz aí? Vamos andando!

Não podemos nos esquecer, no entanto, do proeminente personagem que passara a descompostura em Akaki Akakievitch. Este, depois que o amigo de infância se retirou, ficou pensando sobre o caso e teve dó do pobre conselheiro titular. Ele era capaz de ter bons sentimentos e só não os expressava por conta de sua posição. Assim, mandou um secretário à casa de Akaki perguntar-lhe como estava e no que poderia ajudar. O secretário voltou dizendo que o conselheiro titular estava morto e isso abalou o general. Era sua consciência importunando-o, mas ele decidiu apagar essas impressões divertindo-se um pouco na casa de um amigo.

A reunião foi muito agradável, até porque ele se encontrava apenas entre pessoas do seu nível hierárquico, o que lhe permitia rir e divertir-se à vontade. Abriu-se totalmente e bebeu duas taças de champanhe, o que lhe despertou o desejo de terminar a noite de modo especial.

Ocorre que este personagem tinha relações amistosas com uma senhora de origem alemã. Tratava-se de um homem casado, já com dois filhos, que o recepcionavam beijando sua mão e dizendo “Bonjour, papá!”. Tinha também uma esposa de idade não muito avançada e porte belo, que sempre beijava-lhe a mão ao encontrá-lo.

Mesmo assim nosso personagem não parecia satisfeito com essas demonstrações de carinho e começou relações amistosas com uma senhorita que não era mais nova nem mais bela que sua esposa, mas assim são as coisas desse mundo e não cabe a nós julgá-las ou compreendê-las.

Assim, ele desceu as escadas, entrou no trenó e gritou para o cocheiro:

- Toca para a casa de Karolina Ivanona!

Enquanto o trenó singrava as ruas, ele se recolheu, envolto em seu confortável capote, naquela posição tão cara aos russos de não ficar pensando em nada e deixar que os pensamentos venham soltos. De fato, ele se lembrava de alguns chistes ditos durante a reunião e ria-se consigo mesmo.

De tempos em tempos molestava-o um vento frio e ele era obrigado a levantar a gola de seu casaco, protegendo o pescoço.

Súbito o personagem importante percebeu que alguém o agarrava pela gola. Virou-se para trás, viu um funcionário com uniforme surrado e reconheceu imediatamente Akaki Akakievitch. O pavor que sentia aumentou consideravelmente quando fantasma falou, com sua boca cheirando a túmulo:

- Ah, finalmente achei-o. É de seu capote que estou precisando! Não quis incomodar-se pelo meu. Agora fico com o seu.

O tal personagem era famoso por seu caráter firme, de modo que todos diziam: “Este sim é um homem que se preze!”, mas naquela oportunidade ele se borrou todo. Jogou o capote para o lado e gritou para o cocheiro:

- Toca para casa! Rápido!

No dia seguinte, durante o café, a filha observou que havia algo de errado com ele e disse:

- Papai, o que houve? Está tão pálido!

O homem desconversou.

A partir daquele dia ele mudou. Dificilmente tratava os funcionários pelas suas duas frases prediletas, a saber: “Sabe com quem está falando? Como se atreve!”. E, se por acaso, agia assim era não antes de ouvir o que o subalterno queria.

Estranhamente o fantasma jamais voltou a aparecer, tão ajustado deve ter lhe ficado o elegante capote do general.

Entretanto, as senhoras fofoqueiras ainda continuam espalhando o boato de que o fantasma do capote ainda anda por aí.

Com efeito, certo guarda viu um vulto aparecendo por trás de uma casa. Mas era ele um pouco fraco por natureza (certa vez fora derrubado por um filhote de leitão, para riso dos cocheiros, dos quais ele cobrou uma moeda de cada a título de indenização), de modo que se limitou a seguir o fantasma até que este parou e dirigiu-lhe a palavra, apertando-lhe no rosto um punho do tamanho de uma bola:

- O que você quer, paspalho?

O guarda respondeu, como manda a dignidade dos policiais russos:

- Nada, senhor.

E deu meia volta e sumiu.

Já nessa época o fantasma não se parecia nada com Akaki Akakievitch.

Tinha estatura elevada, grandes músculos e bigode grande. Este apertou o passo, sumindo depois de uma ponte.